

DEPOSITO LEGAL

MARIA RITA

SEMANARIO

MEMORIZICO

Directão Literária de
JOSÉ D'ARTIMANHA

Director Artístico e Secretário da Redacção
OCTAVIO SÉRGIO



O nosso aniversário



O primeiro ano saiu um pimpolho de primeira ordem. Veremos o que sai o segundo. Entretanto, o Pai, em terras de Espanha, vai congeminando altas novidades...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.^{da}

Redacção e Administração,
Rua do Almada, 107-2.º
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na
Imprensa Portuguesa,
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas

Ano 45\$00
Semestre 24\$00

Colónias

Ano 50\$00
Registado 70\$00

Estrangeiro

Ano 60\$00
Registado 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

LUÍS DE ALMEIDA BRAGA

Paixão e Graça da Terra — São três conferências, tendo por título a primeira, **O Presépio da Raça**, que tem por tema a província do Minho; a segunda, **A lei do trabalho**; e a terceira, **Manhã de profecias**. — 384 páginas, capa a duas côres, impresso em óptimo papel. — Brochado, 12\$50. Encadernado, 17\$50.

HENRI ARDEL

Eva e a Serpente — Romance em tradução portuguesa — Brochado, 10\$00. Encadernado, 15\$00.

COLECCÃO DE HOJE

Ultimos volumes publicados nesta colecção:

PALACIO VALDÉS

Maximina — Romance da actualidade, tradução de Florbela Espanca Lage.

JOSÉ MÁ S

A Orgia — Romance sevilhano e de costumes, tradução de Novais Teixeira.

ALBERTO INSUA

Mulheres históricas — Tradução de Campos Monteiro; um romance formidável e de actualidade

O amor em dois tempos — Romance, tradução de Campos Monteiro. Cada volume brochado, 7\$50. Encadernado, 12\$50.

Carlos Santos
COMO EU VIA
ESPAÑHA

448 páginas — 27 gravuras em hors texte

UM LIVRO DE GRANDE ACTUALIDADE

Brochado, 12\$50 — Encadernado, 17\$50



Factos e prestações

Crónica anacrónica

Após a formidável derrocada financeira que ultimamente abalou os Estados-Unidos da América, lembraram-se os banqueiros de fazer... o quê? Lamentar-se? Dar um tiro na cabeça? Mudar de país? Tentar vida nova em nova profissão? Nada de isso. A ideia que lhes ocorreu — e por sinal bem americana — foi... realizarem a Festa dos Bancos. Uma espécie de semana bancária (também de nove dias, como é da praxe nesta espécie de semanas) em que se celebrasse a solidez e a prosperidade da Finança norte-americana.

... Tal e qual como o pugilista Carnera, que, segundo li num jornal, antes de ir para o ring deixa encomendado num restaurante de luxo o jantar em que ele e os amigos irão de festejar a vitória. Se vence, papa-se o banquete. Se é vencido, procede-se da mesma forma, já que está a despesa feita. Ponto está em que o adversário tenha deixado ao anfitrião o *quantum satis* de queixos para poder mastigar...

Assim tem o *boxeur* festejado alegremente algumas derrotas. E assim os banqueiros americanos acabam de festejar, com não menor júbilo, o *krack* de mil e tantos Bancos.

Ficaram milhões de depositantes sem o seu rico dinheiro. Parece, porém, que aos banqueiros restou ainda pecúnia suficiente para o custeio da festa. E não deve ter sido pequena a despesa, visto que houve conferências públicas, sermões nos templos, discursos radiofónicos, projecções cinematográficas, artigos adrede encomendados nos jornais. Tudo isto para quê? Para incutir no público a confiança nas casas bancárias. E para transmitir a todo o país os mandamentos do sr. Isidor Strauss, novo Moisés descendo do Sinai das finanças com os dez mandamentos na mão.

Os quais mandamentos rezam, entre outras coisas infalíveis e incontestáveis, o seguinte:

«1.º — Que os norte-americanos vivem no país mais seguro e mais honrado do mundo;
«2.º — Que os Estados-Unidos são a inveja de todos os povos civilizados por causa de esta segurança e de esta honradez.»

Convém dizer que a assembleia geral de financeiros em que foi resolvida a Festa dos Bancos, coincidiu com a abolição da lei seca. Possivelmente entraram na proposta e na sua aprovação os 3 graus alcoólicos de cerveja que por lá foi ingerida até se lhe tocar com o dedo. Quero crer, porém, que nos mandamentos de Isidor Strauss entrou bebida de graduação muito superior.

Os Estados-Unidos são por tal forma seguros que às duas por três desaparece uma criança, ou mesmo um adulto, raptados em plena rua, ou em suas casas, para só reaparecerem após ter sido depositado em determinado

local o dinheiro do resgate. Qualquer coisa assim à maneira dos antigos *compra-chicos* ou das actuais cabilas nómadas de Marrocos. E dá-se o caso de que nunca a polícia descobre coisa alguma. Os criminosos ficam sempre impunes. E quanto a honradez, basta lermos as declarações de Al-Capone: uma grande parte das autoridades de Chicago andavam feitas com ele...

Isto é que muito poucas vezes acontece na Europa, cuja civilização se mostra na verdade retrógrada, se a compararmos com a dos Estados-Unidos. E a prova é que os bandidos italianos se transferiram para lá.

Mas citemos ainda alguns dos mandamentos Straussianos:

«3.º — Crêde no governo;

«4.º — Crêde nos Bancos;

Folar... de rimas

Para "Bisnau", da minha maior consideração.

Em tempos era sabido,
dizia-se d'um marau,
falso, ladino, atrevido;
«O' que pássaro bisnau!...»

Hoje, anda tudo mudado
neste mundo venturoso!
Bisnau, é considerado,
amável, gentil, bondoso!

E' ver o feixe honrado
de rimas, com que brindou
o vate desengraçado,
que, infelizmente sou!...

Trovador Bisnau, aqui,
faço outra jura a valer:
se alguém disser mal de ti,
comigo tem de se haver!...

Porque d'aqui em diante,
há-de ser como te digo:
Bisnau, já não é tunante...
Bisnau, quer dizer, — amigo!

«5.º — Se as circunstâncias se dispuserem de maneira a que lá perca uns tantos por cento do vosso dinheiro, conformai-vos com o prejuízo.»

Faltou só acrescentar um parágrafo único: «e se o perderdes todo, resignai-vos a pedir esmola, — mas sempre acreditando no governo e nos Bancos.»

Se na verdade este sr. Isidor Strauss — que conseguiu ver os seus mandamentos afixados nas esquinas, insertos em parangona nos jornais, e transmitidos pela T. S. F. — se na verdade não é um *blagueur* incorrigível ou um humorista de largos recursos, temos de concluir que ele e os seus concidadãos acabam de cobrir-se de uma camada de ridículo capaz de asfixiar, na Europa, toda a população dum país. Pedir confiança nos Bancos quando mil e tantos acabam de desabar, pondo logo a restrição de que se resignem se acaso de essa confiança resultar novo prejuízo, coisa é esta que só podia lembrar a um norte-americano e que só o povo dos Estados-Unidos poderia ouvir sem apedrejar o prégador.

Lembra a anedota dos dois filósofos gregos. Um de eles, tendo apanhado a mulher em flagrante delito de adultério, foi aconselhar-se com o outro. Que deveria fazer? — perguntou.

— Como sabes — respondeu o outro — os sentidos são falíveis. A-pesar-do que viste, não podes ter a certeza de que tua mulher te engana. Continua, pois, a confiar nela.

— E se tornar a vê-la no mesmo preparo?

— Nesse caso, acredita, mas resigna-te. Isodor Strauss quer que os cidadãos do seu país se comportem de idêntica maneira para com os Bancos. Mesmo depois de quebrados, devemos acreditar na sua solidez. E se voltarem a quebrar, paciência. Também o patriarca Job caíu na extrema miséria, e mais no seu tempo não havia ainda casas bancárias. O que já havia — como hoje nos Estados Unidos — era bastantes gatunos, e muito mais quem mangasse com a tropa.

Marcial JORDÃO.



ELETÊ.

ao entrar no segundo ano da sua publicação, saída, nas pessoas de todos os seus leitores, os seus amigos de sempre.

Não distingue ninguém para não ferir susceptibilidades; mas não pode deixar de lamentar que haja quem a tenha lido emprestada.

Não agradece a este ou aquele, para que estoutro ou aqueloutro não fique de beíça caída; mas sempre dirá que há uns mais amigos do que outros, e outros muito mais amigos do que estes.

MARIA RITA não pode ter inimigos; e se os tem, não os conhece por não achar bonito.

MARIA RITA não deve ser invejada por ninguém, porque é uma mulher feia e nesta terra só as bonitas dão na vista. As mulheres riem-se dela, e os homens, se a preferem, não é com segundo sentido.

MARIA RITA nem esperta é; se o fôsse não se deixaria embrulhar e «meter no bôlso» com tanta facilidade.

Ao começar a segunda caminhada da sua vida, MARIA RITA, pede a todos que por acaso a leem, um único favor: o de lhe mandarem dizer as suas impressões, boas ou más.

Ninguém é perfeito neste mundo; e muito menos uma mulher gaiteira, que tanto entra de sapatos dourados num salão, como calça a chinela para atravessar os fedorentos corredores das nossas «ilhas».

«MARIA RITA vive com todos, para todos e por todos.»

Mas, ninguém é profeta na sua terra; e é por isso que temos presentido muitas vezes, a peçonha do derrotismo cuspidá sôbre os pobres 16 folhos da sua saía.

Podíamos descrever ao fim dêste ano, as mirabolantes cambalhotas que temos dado, e os prodigiosos equilíbrios feitos para que o nosso jornal se não viesse esborrachar de encontro à areia escorregadia e sabujada da insídia.

Mas isso seria tentar valorizar um trabalho que nada vale, e que se existe, é porque de tôda a parte — não mentimos — nos dizem que continuemos.

Cá estamos, portanto, de cima do nosso segundo andar, prontos a retalharmos o pudim eterno do ridículo alheio, e a espetar o dedo — cheire ou não cheire — no lamamento coval das desgraças internacionais.

Quem nos acompanhar não fará um favor à MARIA RITA. Será a-pesar-de tudo, e da velha fórmula socialista, um obreiro do progresso, porque o progresso é tudo aquilo que seja esfurancar o que é revelho e mau e fedorento.

MARIA RITA agradecerá se lhe disserem que vai por caminho errado. Mas não perdoará a quem tentar corrompê-la.

Atravessará por sôbre tudo, ainda mesmo que se lhe depare o célebre letreiro indicador de «Direcção proibida».

Saúde e graça, é o que deseja a todos.

NAS

Galerias Lafayette

— da Rua 31 de Janeiro, 215—PORTO —

todos os artigos
teem um cunho
parisiense inexcédível

AUX GALERIES LAFAYETTE

Balancete da semana

Estiveram no Pôrto uns congressistas, nacionais e estrangeiros, todos fenomenais anatomistas e ilustres forasteiros (os qualificativos lisongeiros são da jurisdição dos jornalistas). Homens que estudam, sôbre um corpo morto, tudo que a gente tem no interior, deram uma sessão no Hotel do Pôrto, que foi coisa de altíssimo valor. Tendo empunhado agudos bisturis e pinças de Péan, fizeram um estudo ultrafeliz sôbre os músculos tenros da perdiz, da pescada *au gratin* e do peru à moda de Paris. E—caso raro!—o sangue que corria, sem trégua e sem relêgo, na mesa de tão bela anatomia, era vinho maduro, Malvazia, champanhe de Lamego, e até o espumejante da Anadia! Durou esta sessão de cientistas desde as nove da noite ao sol já nado. E ao retirar, todos os congressistas levavam o *cadáver* consolado!

Um pastorzito que fugiu ao pai, também pastor, roubou-lhe cinco contos. (Ao contemplar o que p'lo mundo vai os nossos pobres olhos ficam tontos). Quem poderá supor que na Sertã um rústico pastor tenha dinheiro assim à luz do sol? Já não causa surpresa que um pastor case com uma princesa, como nos velhos contos de Perrault.

Do Gungunhana os velhos companheiros, há trinta anos postos em Timor, pediram ao Govêrno, com fervor, que os deixasse embarcar para os fagueiros palmares do Boror. Pobres dos desterrados, sem pátria e sem carinhos, que chegaram casados e partem já viúvos e sôzinhos! Convertidos de pouco à fé de Cristo, cumprem humildemente os seus deveres e as três altas virtudes principais. Possuía cada um duas mulheres; morreram tôdas, — e não querem mais. Diz um jornal da inclita cidade de Ulisses, com risonha animação e muita santidade: «Vejam os frutos da religião!» E eu digo apenas: — O que faz a idade!

Espreitando o passado da MARIA RITA

Olhando-lhe para o ano

Como sabem, e se não sabem é uma ignorância imperdoável, a MARIA RITA fez ontem um aninho.

E' pouco, dirão aqueles que já marcharam na vida mais de meio século, eternamente à cata daquilo com que se compram os melões e o mais que é preciso nesta vida.

E' pouco, berrarão os tripeiros de gema, sempre prontos a erguer ao alto as coisas da sua terra.

Nós, porém, dizemos que, não sendo demais ainda, já é muito. Um ano, é qualquer coisa como 365 dias, doze meses com pagamento de ordenado por inteiro, e cinqüenta-e-duas semanas com o Sequeira da tipografia em cima de nós para buscar o dinheiro da praxe.

Dinheiro!... Como se fôsse possível fazer alguma coisa sem dinheiro. Afinal, essa frase que acima esplanamos — *aquilo com que se compram os melões* — é tudo quanto há de menos verdadeira. Eu, por exemplo, conheço um homem que nunca comprou um melão porque não gosta, e no entanto precisa tanto de dinheiro como nós todos.

O dinheiro da MARIA RITA

foi todo por água abaixo. Calculem, que durante este mísero ano da sua vida, a nossa MARIA RITA, abriu nas suas páginas, nada menos que 10 concursos extraordinários e manteve 2 concursos permanentes.

Distribuiu em dinheiro uma coisa parecida com cinco contos de reis, e em objectos e géneros de primeira necessidade o valor de 12 contos e quinhentos!

E não pediu nada a ninguém!... Simplesmente, pediu que a preferissem dentre mil-e-duas publicações congêneres que há no orbe.

MARIA RITA, distribuiu prémios por quasi todos os seus compradores e assinantes.

MARIA RITA soube corresponder às gentilezas recebidas.

MARIA RITA, não faltou nunca, um sábado que fôsse, à obrigação chamada.

Os colaboradores da MARIA RITA

Prefaziam, se fôsse a enunciá-los um a um, uma lista maior que o Ramaiana. Destacaremos apenas aqueles, que não necessitando do nome de MARIA RITA para subirem, a teem preferido como o único jornal humorístico onde se encontram bem. Baixando até ela, elevam-na de tal forma que seria desmarcada ingratitude deixar de os mencionar no dia de hoje.

E assim, diremos que:

Marcial Jordão — Encobre um dos mais gloriosos nomes da literatura northenha. Poeta, prosador, humorista, romancista, jornalista dos mais distintos e dramaturgo de faculdades excepcionais.

Turiddu — Idem, idem, aspas, aspas.

Filósofo — Suavíssima máscara afivelada por uma das nossas primeiras poetisas, *doubleé* de jornalista interessantíssima. O que escreve, é e bem, da sua lavra.

Eletê — Nada mais que duas iniciais, L. T.; escondendo atrás delas, um respeitado e velho nome; um nome glorioso no nosso romancismo; um respeitado nome na nossa literatura humorística.

O artilheiro de 1836 — Outro pseudónimo, que nos vela o nome dum estudioso profundador dos nossos arquivos históricos. Respeitado e conhecido entre todos os amantes da reconstrução do nosso passado artístico, monumental e heróico, este artilheiro pregou-nos durante tempos a valentíssima peça de não sabermos quem era.

Tomaz Ribeiro Colaço — Um valor novo, como se diz nos selos. Um grande valor, dizemos nós. Espírito finíssimo de humorista, sensibilidade estranha de poeta, Tomaz Ribeiro Colaço, honra a MARIA RITA.

Ruy de Ortega — Pseudónimo de um novo já conhecido de sobre nos meios literários e jornalísticos do Pôrto.

E além destes, que só por si, em qualquer país, onde as letras não fôsem tanto de crédito, fariam sobressair a MARIA RITA acima das impaludadas águas da mediocridade, quantos outros nos acompanham dia a dia!

Bisnau, Ivo Magano, Inácio de Lanholas, Lérias, Alick, Carlos Elmano, todos estes pseudónimos encobrem personalidades verdadeiramente distintas, e para as quais segue hoje o nosso cartão de agradecimento.

E que todos os outros, aqueles que não nomeamos, mas para quem a MARIA RITA está sempre à disposição, nos perdoem a perdoável falta.

Durante este ano, fizemos tudo quanto pudemos fazer.

Foi pouco! Tornarão a berrar aqueles que já caminharam na vida para cima de meio Século e um Diário de Notícias.

Foi muito pouco! berrarão os tripeiros de gema...

Mas nós, responderemos apenas! foi muito!

E se procurássemos defesa, bastar-nos-ia a sacramental defesa dos negociantes falidos ou concordatários: foi a crise, meus amigos. Neste tempo, nin-

guém compra nada, e a fazenda está sempre a baixar de valor.

Mas se disséssemos que a MARIA RITA baixava de valor, diríamos também que os nomes acima eram fictícios.

E eles são reais! Como real e certo é tudo o que a MARIA RITA promete.

A DIRECÇÃO

Salvé!

MARIA RITA adorada:

'Stás uma linda menina,
Esperta, fina, engraçada,
Cheia d'encantos, ladina.

Teu primeiro aniversário
Meu peito encheu de doçura.
— Se eu fôsse milionário,
Fazia a tua ventura! —

Que o Senhor te encha de graças,
Por muitos e muitos anos,
E te livre das trapaças
Dos jumentos... cacianos.

E cá da terra da Alfaca,
Em pensamento e curvado,
Deponho na tua face
Um beijo repenicado.

BISNAU.

Jornalistas portugueses



Armando Boaventura

O ANJO DA GUARDA

SEMANÁRIO FEMININO DE GRANDE DECILITRAGEM
DEFENSOR DOS INTERESSES DAS POBREZINHAS CUJAS
DIRECTORA: MARIA RITA

Não desejeis a
mulher do pró-
ximo por mais
distante que es-
teja.

Em legítima defesa

O consabido lugar comum que a mulher é um traste inútil, desapareceu por completo. Hoje, a mulher, além de ser um traste verdadeiro e com serventias diversas, tem excepcionais qualidades que deixam ficar os homens a perder de vista.

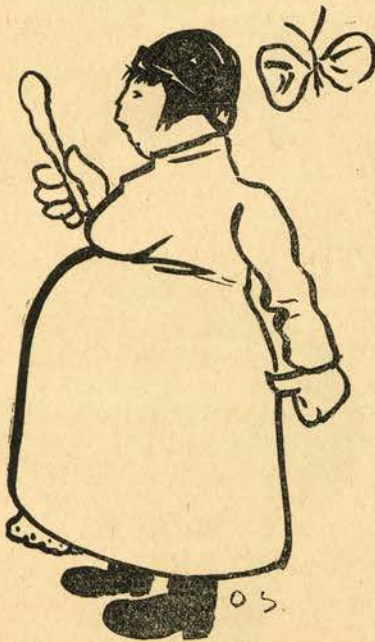
A mulher é tudo e vale muito mais do que isso.

O fogão hoje em dia, êsse utensílio inútil, não sujará jamais as mãos das nossas compatriotas manicu e espelhadamente compostas. Viva o electro-lux!... Abaixo a cebola que estraga o rimel, destinge o baton e arranca as pestanas postiças!...

E quem disser que estes sinceros amplexos são filhos do tempo que vai decorrendo, mente descaradamente, pois podemos afirmar que esta coisa do horror à cebola vem de trás.

Já em mil-quinhetos e tal a célebre Brites de Almeida demonstrou, exuberantemente, que os utensílios caseiros só servem para bater nos homens.

O anjo do lar



Ou a sogra transformada em polícia sinalheiro.

Quando elas são dêste formato até a coisa mais natural dêste mundo nos parece ter o letreiro: «Vedado ao trânsito de peões...»

E em nossos dias, fácil se torna apresentar iniludíveis provas da supremacia feminina! Bastará lembrar que o famoso Hitler alemão expulsou todos os judeus, mas não teve coragem de expulsar uma única judia. Pelo menos os jornais não mencionam isso.

Cremos, portanto, ter demonstrado conclusivamente a valia do sexo fraco, êsse memorável sexo que tem a representá-lo no ar a célebre aviadora inglesa com a qual nem o desgraçado do marido consegue fazer nada!

A mulher triunfa! Que os homens tremam se puderem! Viva a mulher!... Viva!...

Maria Rita.

Modas

A moda da primavera dêste ano pouco difere da que se usou em 1830. Simplesmente os vestidos de agora não tem mangas e as saias não tem *coses*. A' laia de casacos usam-se uns boleritos muito curtos, com as mangas muito compridas, que tirados, parecem uns caranguejos. Também se usam umas golas de peles muito tesas que fazem de tôdas as mulheres umas Marias Antonietas.

As roupas interiores devem combinar com a côr da carne. Quanto mais branca, mais preta quanto mais preta, mais branca e assim sucessivamente. As meias quanto mais inteiras melhores, e as *combinações* devem fazer-se de maneira que o marido nem sonhe.

Anúncios femininos

BENGALAS de unicórnio, vendem-se em bom uso. Carta a X.

PINTOR — Com prática de rostos femininos. Habilíssimo em rasgar olhos e esconder as bôcas. Nesta redacção se diz.

CARACÓIS — Vendem-se vivos. Próprios para cabelos sem ondulação nenhuma. F. Belo & Viana — R. das Carmelitas.

UNHAS — Em segunda mão. Compram-se aos montes, às carradas. Não se aceitam unhas encravadas. Academia de Beleza.

PAPAGAIO — Perdeu-se um no trajecto Trindade — Rua do Heroísmo. Gratifica-se a quem o entregar na Rua dos Pelames. Tem as iniciais C. H.

ADEGA DO OLHO DO CONHECIMENTO — Recomendamos esta esplêndida casa às nossas estimáveis leitoras.

Correspondência Particular

Chiquita — Para que se não veja a liga quando cruzar uma perna sobre a outra, o único processo que dá óptimos resultados é andar sem ligas.

Seríssima — Essa coisa de chegar a casa acompanhada pelo namôro às 4 da manhã, dá muito nas vistas. Mais outras 4 horas, com os diabos, não era coisa de matar ninguém e sempre dava a impressão que vinha da praça do Anjo.

Micas — Tenha paciência. Agüente-lhe agora tôdas as impertinências, mas vá assentando num livrinho. Depois, quando se casar (êle há tantos tôlos!) pague-se de tudo com juros acumulados.

Paqueta — E' feio isso. As mãos não se devem tratar dessa maneira. Quanto mais luzidias, as unhas, melhor: Vêem-se a reluzir de noite.

Do resto não tenha pena. Aquilo mais dia menos dia tinha de se romper...

Anedota

Ele — Pois sim. Mas quando nos casamos prometeste obedecer-me...

Ela — Claro! Querias, se calhar, que eu arranjasse um sarilho na frente do sacerdote.



A espôsa do médico — *Palavra que às vezes nem sei como hei-de matar o tempo.*

A amiga — *E' fácil: o teu marido que te passe uma receita.*

DESCANSO SEMANAL

Manta de farrapos

Na semana passada, é que esta secção se pôde chamar afoitamente o *Descanso Semanal*. Não apareceu. Mas também não fez falta, pois não. Descansamos todos: nós, os nossos leitores, e todos aqueles que de ordinário excomungamos.

E' claro que o que é bom nem sempre dura. E por isso cá estamos novamente.

Começamos por um anúncio do

"Comércio do Pôrto"

que rezava assim:

Rapazes

Curte, tinge, limpa, confecciona e moderniza. Unica casa que tem fábrica própria com pessoal técnico estrangeiro.

Trabalhos Garantidos

José da Costa

Praça Carlos Alberto, 45 - Porto

Só faltou dizer que era capaz de os virar do avêssol...

Gostaríamos de conhecer pessoalmente o sr. José da Costa. Quer-nos parecer que é bastante vaidoso! Pelo menos não nos parece coisa muito difícil montar uma fábrica de confeccionar rapazes. Mais ainda: estamos absolutamente convencidos que não seria necessário mandar vir pessoal estrangeiro para isso.

Quanto a modernizar os rapazes, não será necessário mais, porque elles já estão modernizados que chegue.

Agradecemos

A todos aqueles que por motivo do nosso aniversário nos enviaram o seu cartão de cumprimentos.

E aos que, desprezando cansaços, se atreveram a galgar cinqüenta-e-sete de graus, igualmente agradecemos efusivamente.

Do nosso amigo certo *Tripeiro (de gema)* recebemos um cativamente telegrama de saudações, que agradecemos penhoradamente.

Outro anúncio, mas êste agora de "O Século" de 10 de Abril:

Um livro sensacional

A Internacional do Crime

por Adolfo Coelho

«A Internacional do Crime», que a-guem poderá supôr um livro de reportagem escandalosa ou apologista dos criminosos mais celebres do mundo, é afinal um belo subsidio de psiquiatria, que os criminalogistas teóricos e praticos consultarão com vantagem, para melhor interpretarem o caso ou os casos com que tope-m na sua vida profissional.

Não é um tratado. E' um livro de reportagem. Não é uma coisa nem outra para ser as duas.

Afinal o livro deve ser como a pesada: antes de ser já o era. Ou então, foi feito por aquele célebre general brasileiro que ensinava aos seus soldados o seguinte: meia volta à esquerda, é precisamente o mesmo que meia volta à direita, com a diferença de ser o contrário absolutamente.

De "O tempo", de Penafiel, recordamos o seguinte, numa notícia laudatória ao sr. Dr. Fernando Cochofel.

.....
No verão, aproveitando as suas escassas férias, lá vai de longada até à estranja, ou, pelo menos, a uma das mais formosas estâncias do Norte, retemperar a fibra, afogar a neura e aquietar os nervos, não se esquecendo, porém, de ir munido de pesado aba-fa e de largo chapéu protector, que o abrigue das ardências solares ou de traiçoeiros ventos!

E' com certeza mais um apóstolo do nudismo integral.

E para finalizarmos, a cópia dum officio que muita gente conhece, mas que pouca gente possui.

Só por isso a publicamos:

Um regedor tipico

Copia textual da resposta a um officio da administração d'um concelho do Norte

do Patz, fazendo umas perguntas indispensaveis á elaboração d'uma estatística:

Insolentiçimo Senhor:

Incluso arremêto a vossa insolencia a inclusa relaxação dos acontecimentos que aconteceram cá na fregesia no ano findo, que acabou de findar em 31 do mez findo, digó que findou.

Almas: — Nenhuma. Cá na fregesia ninguem aquardita neças tolisses.

Mortes na freguezia: — Nenhum, todos morrem em suas casas.

Casas publicas: — A do assambracador X... e a da sr. noba-rica F...

Idiotas: — O prufeçor primario da escola das prumeiras letras do analfabeto cá da fregesia pois não á cá outro que tenha mais ideias e mais «aquelas» do que ele.

Assassinados: — Um só o do Dr. X... que morreu dum coice que le deu a bêsta dum moleiro da Ponte.

Cereais: — Aqui não d mel quanto mais cêra. As abelhas são mais do que as abêspras.

Contribuições: — Nesta fregesia devem pagdas os probes porque os mais não tem com quê.

Gado bovino: — A bêsta do regedôr, a mula do tasqueiro que está aqui ao pé da minha porta e as cabras das filhas dêle.

Gados de outras espécies: — O porco do meu bacalhoiro arguns patos e galinhas e rapaziada miúda de pé descalsso...

(Transcrito e quási textual).



Em posição de respeito

Agradecemos à gerência de *A Brasileira*, nas pessoas dos seus gerentes, a rosca de pão de ló finissimo que nos enviaram.

A rapaziada cá da casa, foi mais feliz e pronta em comê-la do que os doceiros a fazê-la.

E para que tôda a gente saiba que cá em casa se come uma rosca de pão de ló devida à gentieza da firma Teles & C.ª, daqui o berramos alto e bom som.

Era bom! Era bom!

O aniversário da MARIA RITA

Cumprimentos — Telegmas — Cartas — Prendas

foi que as comemorações atingissem um tão elevado grau, e tocassem quasi a raia do delírio.

Isto foi piramidal!

Além dos vinte-e-um morteiros da praxe, da missa em ré menor, e dos discursos obrigatórios pela gente da casa, vieram bater à nossa porta as coisas mais mirabolantes.

Damos abaixo uma resenha do que foi esta inesquecível Semana.

Segunda-feira

Ao raiar da aurora, fomos surpreendidos pelo administrador que nos declarou que os vales estavam suspensos no ano que ia entrar.

Salva de 21 tiros... nos amigos.

Terça-feira

Visita do sr. Cunha da Raza, com um ramo de flores para a *priminha* MARIA RITA.

A' tarde, jantar em casa de cada um, com os pratos do costume.

Quarta-feira

Marcha à *flambeaux*. Chegada de 150 cartas de parabéns, e um cartão do carteiro, desejando-nos as Boas-Festas.

Quinta-feira

Chegada do sr. Dr. Carlos Santos aos nossos escritórios. Efusivas saudações por parte do consagrado *globe-trotter*, que nos confidenciou a piramidal madureza de dar a volta ao mundo a recuar, para fazer um novo *«Comoeuvi»*.

A' tarde: copo de água ao natural e o respectivo lava mãos.

Sexta-feira

Visitas didácticas

Entre outros lembra-nos ter visto: Sr. Antero de Figueiredo, o fidalgo escritor.

Antero Moreira — Representante da raça negra por inclinação.

Eduriza — Enviado especial do nosso amigo e consagrado crítico de números, Dr. Bento Carqueja.

Dr. Amílcar de Sousa — Em seu nome e no dos srs. Alfredo Moreira da Silva & Filhos. Trazia uma bengala de espargo e um chapéu de côco brasileiro.

Raul de Caldevila — Que ofereceu um seguro de vida e um anúncio permanente no seu folhetim do *Janeiro*. Trazia pela mão o J. Bastos Monteiro, o verdadeiro representante do *Comércio e da Indústria* desta cidade.

Fernando Montenegro Chaves — O banqueiro por excelência, apresen-



tou os cumprimentos em nome da oprimida classe dos cambistas.

E por aí fora, quasi todos os grandes homens desta cidade, incluindo os irmãos Torcatos e o sr. Dr. Severiano Electric Car.

Sábado

Este dia foi tão grande, tão fora do vulgar que não podemos deixar de o dividir em partes integrantes.

Foi o dia das cartas, dos telegmas, das prendas extraordinárias. Pela nossa redacção circulavam de tal forma os carteiros, os boletineiros, os galegos e os grooms, que nos vimos na necessidade de montar um serviço de guarda-sinais.

Vamos tentar dar uma ideia do que foi este dia.

Cartas

recebemos nada menos do que 3:604 e uma quina de paus que não contamos. De tôdas elas, destacaremos apenas duas.

Uma é do célebre condutor da Carris, o Landru, e outra é do não menos famigerado Damião de Cacia.

aproveito o ensejo de, para vos felicitar deixar de defender a minha região.

Devo-vos tudo: a expansão do *Ecoss*, cujos já chegamos até às colónias portuguesas, e o aumento da venda do pão que também faz parte do espírito corporal das almas.

Pelo que fica atrás transcrito, vereis facilmente como me empenho no bem-estar do vosso panfeto, o maior lúdimo amigo do meu conceituado periódico afamado.

Hurrah! Pela MARIA RITA. E os meus *«Ecoss»* responderão: Hurrah!...

Damião de Cacia.

Estas duas cartas enchem-nos de uma vaidade incomensurável, e tiram-nos de sôbre o lombo um pêso demoníaco. Por isso berraremos em unísono:

Viva o Landru! Viva o Damião!

Telegramas

Poisaram na nossa mesa: 7:503, incluindo 7 com letra disfarçada e sem assinatura. Destacamos apenas meia dúzia:

ESPINHO, 22 — *Eu vos saúdo, ó formidáveis caudilhos! Eu me penitencio.* — Pérola Verde.

LISBOA, 22 — *Selecciono entre tôdas a MARIA RITA.* — Salvador do Carmo. (Seleccionador de foot-ball).

PORTO, 22 — *Não concordo com esta Selecção.* — Salviano V. Perfeito.

PORTO, 22 — *Ponho minha casa Maternidade disposição grande Maria.* — Cristiano Morais.

LISBOA, 21 — *Parto direito Rússia. Saúdo vós energias tripeiras.* — Cristiano Carvalho.

PORTO, 22 — *Grato vossos carinhos, ofereço meus serviços.* — Dr. Fernando Pires de Lima.

GAIA, 22 — *Nome todos Sindicatos, Associações, Grêmios, Interpostos, Clubs, saúdo MARIA RITA.* — Carlos Lelo.

Celebridades

Ninguém pode levar a mal que façamos este destaque. Aí vão mais alguns:

BERLIM, 21 — *Salvé MARIA RITA. Mulher de lenço de 4 pontas! Abaixo os judeus.* — Hitler.

PEKIM, 20 — *Viva MARIA RITA grande muralha humorismo tripeiro.* — Wu-Pei-fu.

PORTO, 22 — *Associo-me todo coração manifestação célebre.* — Teixeira Bastos, Prof.

A do Landru, reza assim:

Prós da MARIA RITA:

Bós a-pesar-de tudo num sois má rapaziada. Entrastes comigo mas no fundo até me fizestes bem. Parece-me que já num estou tão malcriado porque quando entra alguma senhora no meu carro só a insulto à saída. Abençoadtssimos sejais que me lançastes na celebridade das letras. Desejo-bos muitos anuais.

Landru.

E a do Damião, foi esta:

Meus amigos:

Já que estou com a mão na massa, cuja acabei agora de meter no forno,



As prendas

Foram tantas e tão valiosas, que a sua colocação nos diversos pregos de que dispomos, dará para um ano inteiro. Mas há algumas que a honra manda mencionar e agradecer. São estas:

Do sr. Joaquim Leitão, secretário perpétuo da Academia de Ciência: um diploma em ferro burilado, considerando a MARIA RITA para todo o sempre como sócio benemérito da douta Academia.

Do sr. Júlio Dantas — O seu completo acôrdo com a ideia do secretário perpétuo.

Do sr. Dr. Leonardo Coimbra — Um discurso que vamos tentar decifrar e depois diremos.

Da Direcção do Banco de Portugal — Uma escada de corda para treparmos ao púlpito, etc., etc.

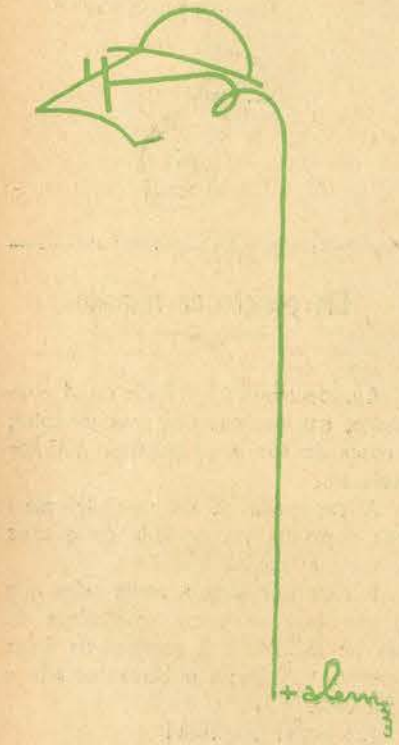
Da casa Ferreirinha — Um livro de oiro, em vez duma dúzia de garrafas.

Visitas

Durante esta semana recebemos a agradável visita dos 402 grupos de Boas-Festas que há na Invicta Cidade, e das 723 sociedades de 20 amigos que por cá vegetam. A todos, MARIA RITA, diz apenas: Muito obrigado!



CONFESSAMOS sem côrar, que, devido à consideração, respeito, amizade e mais adjectivos análogos e substantivos abstractos, já esperávamos que o aniversário da MARIA RITA fôsse festejado extraordinariamente. Mas o que nunca supusemos



A Q U I J A Z


Continuação do concurso da MARIA RITA

50\$00

ao melhor epítáfio publicado


Aqui jaz, Poeta da Raza
A quem a Musa inspirou.
Morreu trincando uma asa
D'um «franguinho» que chuchou.

Remetente: Lizé.

Aqui jaz Cunha da Raza,
Poeta que conhecemos.
Morreu bebendo na taça
D'«aquilo que nós sabemos».

Remetente: Eu vi.

Aqui jaz mestre João
O «ferreiro carrancudo».
Pró malho era um pimpão
Quando apanhava o pifão,
Fazia ferro a tudo...

Remetente: H. F.

Aqui jaz o funileiro,
Luís Maria Domingos.
Era mestre verdadeiro
Tinha nariz inverneiro
Em tudo deitava pingos.

Remetente: Horácio Ferreira.

Aqui jaz um «D. João»
Que fêz das suas, em vida:
Conquistou a Margarida,
A Elvira, a Conceição,
Das quais conseguiu perdão
Poís dizem: «foi bom rapaz».
E, já que agora as não faz
Passar horas de prazer,
Ao Senhor foram dizer
Para o ter no céu em paz!

Remetente: Sepol.

Aqui jaz, em Catasol,
O amator de futebol
José Cavadas Leão.
Do jôgo foi tão amigo,
Que, há días, morreu em Vigo
Com duas bolas na mão!...

Remetente: Adriano X. Nel.

Jazem aqui uns meninos
Lá do «Ecos de... Cac... ia»
— Sustentavam-se a pepinos,
Abób'ras-e melancia.

Remetente: Seu girdor!

Nesta cova funda e fria
Jaz um grande caloteiro
Que nunca tinha dinheiro
P'ra pagar o que devia.

Remetente: Jaime Vieira Dias.

Jaz aqui o carneiro
Vicente Melo Pereira
Que a roubar era o primeiro
Lá no talho do Sequeira

Remetente: Constantino S. Gomes.

Aqui jaz o frei Silveiras
Com os queixos amarrados.
Na vida não fêz asneiras
Foi um frei dos mais honrados.
Por êle choram as freiras
Desde a abadessa à noviça.
Co'a morte de frei Silveiras
Faltou às freiras a missa.

Remetente: Olegna.

Neste jazigo enterrado
'Stá o Doutor José Nédio,
Era tão inteligente
Que morreu intoxicado
Quando provava o remédio
Que receitou a um doente.

Remetente: Q. G.

Neste campo cinerário
Jaz o Braz Pinto Pinheiro
Que em vida foi marinheiro
E agora aos vermes fêz lastro.
Foi tão triste o seu fadário
Que sem nenhum atavio
'Stando dentro d'um navio
Morreu agarrado ao mastro.

Remetente: Quim Grande.

Aqui jaz
Sob o chão,
O sagaz
Damião
Foi padeiro e jornalista,
Um talento enfarinhado;
Foi da asneira mor artista,
Na terra lusa deu brado.

Damião
Difundia
No tal *Ecos*
De Cacia,
Parvoices,
Calinadas
E burrices
A's pázadas.

.....
Descansa em paz
Lit'rato audaz
Dorme o sono derradeiro
A' sombra dêste cruzeiro.

Meu caro Damião que foste em vida
Da gargalhada o criador profundo.
A laracha de luta anda vestida
Desde que foste para o outro mundo.

Remetente: Olegna.

Aqui jaz João Pedroso
Qu'era corneta no *seis*
Morreu cheinho de goso
A tocar a furriéis.

Aqui jaz a gaioleira
— Maria Lopes Lanholas
Que passou a vida inteira
Comigo a fazer gaiolas.

Aqui jaz o Maganinho
— Campeão da borracheira
Que morreu consoladinho
Com a bôca na torneiaa.

Aqui jaz padre Mateus
Das beatas a cobiça
Morreu na graça de Deus
A rezar a santa missa.

Remetente: Oidil.

Aqui jaz a serviçal
Eugénia Martins Carriço
Foi-lhe prejudicial
O fazer todo o serviço.

Remetente: Monteiro II.

(Continua).

Restaurante Portuense

(ANTIGO PINTO)

DE MESSIAS DE ALMEIDA

Rua de Entreparedes, 11 — PORTO

Almoços com vinho 9\$00

Jantares com vinho 10\$00

Diárias com quarto desde 18\$00



FOLHAS DE ALFACE

CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

A vida lisboeta, neste manso e tépido começo de Primavera, tem sido de uma choquice luminosa, inofensiva, estéril; — não dá, bem espremida, um bilhete postal; quanto mais uma carta! Mas eu tenho esta devoção, ou esta mania, de te escrever em dia certo; e, quando esse dia amanece, a minha caneta anda sôzinha, como ponteiro de relógio; as fôlhas em branco agitam-se, beijadas por uma brisa de inspiração. E escrevo-te; e, quando começo a escrever-te, a vida alfacinha parece-me logo brilhante, palpitante, febril. Não porque o seja, de-certo, mas porque deixo de a viver para a ter diante de mim, debaixo de mim, — sôbre um papel...

O Século, num daqueles arrancos furibundos que o tornam simpático, arrumou uma tunda de escacha-pessegueiro na Semana Hispano-Portuguesa de Vigo. Diz êle, em síntese, que onde alguns sonharam com uma hora de mútua e terníssima fraternidade (uma hora de nove dias...) o despertar foi afinal uma *comidela*, ou uma mina para o comércio de Vigo... e mais nada. Eu não fui a Vigo; nem a La Guardia; nem a S. Tiago de Compostela. Tenho um amigo que mora na Galiza — que é um lugarejo de quatro casas, a cinco minutos do Estoril. Limitei-me a dar uma saltada até lá, durante a famosa Semana. E francamente, acho que não vale a pena, depois de tudo passado, verter lágrimas azêdas, criar um S. Tiago de Descomposturela, berrar oh da Guardia, barafustar como criança ludibriada. Se fomos na fita, — ninguém nos mandou que fôssemos parvos. Enganaram-nos, abusando da nossa ternura, os nossos irmãos galegos? *Sursum corda!* — E até sursum pau e corda...

No Parque Mayer, o famoso recinto lisboeta, — chamado Parque porque não tem, à força de barracões, lugar para árvores — estremeu-se há pouco uma opereta deliciosamente fresca: — *As Lavadeiras*. Fresca, entenda-se, como a água do rio; não como os romances de Paulo de Kock. Houve imensa gente que se assustou, imaginando que íamos todos assistir a um escandaloso lavar de roupa suja. Mas passou o susto. São *Lavadeiras* inocentes, que não ensaboam o juízo a ninguém. Mesmo que Maria das Neves não fôsse bonita como é, aquelas *Lavadeiras*, tão alegres, tão sadias, tão portuguesas, só poderiam desagravar a trouxas.

Vai representar-se um dêstes dias em S. Carlos a *Rainha Santa*, de Ruy Chianca. Era eu pequeno, lembro-me do eco triunfal, do êxito retumbante da *Aljubarrota*; eu ainda não ia ao teatro, mas o êxito foi tal que chegou aos bancos do liceu, inundou as conversas familiares — e se me gravou na lembrança. Depois, a vida foi cruel, muito cruel, para Ruy Chianca. Ele conheceu o exílio, as duras privações materiais, a luta amarga com o destino que deixara de sorrir-lhe. Fiel ao seu sonho, continuou a escrever. A *Rainha Santa* foi escrita e, creio, representada, no Brasil. Chega até nós quando já o autor saiu de cena do mundo, e descansa, prematuramente, de uma luta em que teve uma hora de triunfo e longos dias de amargor. Bem haja Ilda Stichini, pelo carinho que a levou para um poeta desaparecido. Bem haja Ester Leão, pelo amor com que vai encarnar a figura da Rainha. Creio que todos os autores portugueses sentirão o mesmo reconhecimento que eu sinto, e como eu desejarão que outra hora de triunfo, igual à de *Aljubarrota*, envolva o espírito gentilíssimo de Ruy Chianca; — num grande calor de aplauso e de saúde...

Dizem que entramos em normalidade constitucional. E' possível. A vida portuguesa vai-nos habituando a acreditar no inacreditável. Cá por mim, não tendo ainda ouvido tiros, bombas, ecos clamorosos de bernarda, borborinhos e emoções de rua encapelada, — custa-me a crer nesta normalidade constitucional, de tão nova espécie...

Abrandou imenso, se é que não se extinguiu, a fumarada de polémicas que os amores de Camões desencadearam... em 1933. Mas a coisa não fica assim. Não há nada mais intenso do que uma paixão, — quando entra nos domínios da controvérsia erudita. O Sentimento, pode ser passageiro; — a mania, é *fixe*.

Esperemos pois, tranquilamente, o seguinte...

Dispõe do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



Posta restante

Xisto Ximenes — Benvindo seja. O primeiro quem é? sairá. Não se admire, porém, se levar algum tempo, porque isto cá na casa, é metódico. Sairá na sua ordem. Obrigado pelas boas palavras ao Zé, que é afinal a mola real disto tudo, Mande mais coisas.

Sepol — *Olegna* — *Zé Bardo* — A semana passada foi de paixão para muitos. Esta coisa de ser feriado na 6.ª feira, dia em que a MARIA RITA tem de ficar pronta, deu em resultado ter de a deixar ultimada na 5.ª feira. Dai o não podermos inserir as coisas chegadas à última hora. Desculpem.

Tripeiro de (gema) — Seríamos ingratos, se não agradecêssemos as mil e uma finezas recebidas. Mande sempre.

Dr. Casto — Braços abertos como sempre, e corpo às armas feito.

Monteiro II — E' tal aglomeração de produções acêrca do nosso aniversário, que teríamos de fazer um número especial para contentar a todos. Desculpe e creia na amizade da gente desta casa.

Décimas... dentro do praso

Foi por um nadinha!...

Os portugueses, em Vigo,
Mamaram p'ra o seu tabaco!
Foi caso p'ra dar cavaco,
Que *inté* parece castigo!...
Três a zero, caro amigo,
E' ter sorte de... *pirua*,
Se não houve falcatrua;
Porém, agora, em Paris,
Foi o grupo mais feliz,
Pois conseguiu... capicua.

Diz alguém de muita manha,
— Que estes segredos penetra —
Que foi só por uma... letra
Que o nosso perdeu em Spanha.
De contrário, era façanha
P'ra dar brado no país...
— Desvendar o caso eu quis,
Apurando o que vos digo:
— A *letra* que falta em Vigo
Achou-a o grupo em Paris...

BISNAU.

Novo concurso da MARIA RITA

Da secção PEÇAS E FITAS

MARIA RITA, institui dois valiosíssimos prémios aos colaboradores desta secção, sendo um de 100 escudos e outro de 50 escudos.

Tôdas as peças que nos forem remetidas e o mereçam, serão publicadas, devendo no final de 12 ou 25 publicações, conforme o número de peças recebidas, cada um dos autores delas, manda dizer qual a melhor de tôdas, podendo mesmo indicar a sua.

Será premiada, claro está, com 100 escudos, aquela que mais votada fôr. E com 50 escudos a que tiver menos votos.

Vamos a isto que começa já.

BARROS



VINHOS DO PORTO
DE
QUALIDADE SUPERIOR



A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

I ANO - N.º 5

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO ♦ REDACTOR: REI DAS MUSAS

22 DE ABRIL DE 1933

Decifrações do n.º 51 — 1) Morra, 2) Pesca, 3) Estucha, 4) Mãocebo, 5) Cãobiantes, 6) Alimão, 7) Istodantes, 8) Abalanche, 9) Caicheiro-10) gravardina, 11) Cabastião, 12) Viatriz, 13) Mão, corvo, 14) Journada, 15) friado, 16) Sarafim, 17) Orplano, 18) Damião, 19) Segundo, sedo, 20) parelha, palha, 21) Macedo de Cavaleiros, 22) Quanto mais burro mais peixe.

Decifrações: Sepol, 19; Busina, 18; S6 Darco, 18; Tripeiro, 16; Rei do Orco, 15; Ohnidog, 14; Rutra Luar, 14; Amarantino, 12; Horaciano, 12; Reirobi, 12; Francisco José Rodrigues, 9; Lérias, 9; Monteiro, 11 9; Fantasma Negro, 9.

Enigmas em verso

(1)
Pode ter a côr escura,
Ou ser muito amarelada;
Pode ser bastante dura,
Ou, então, espapaçada.

Qualquer a pode fazer...
Tôda a gente, mesmo, a faz,
Seja homem ou mulher,
Ou rapariga ou rapaz.

O leitor não se consome
Pois depressa a matará;
Mas 'inda digo que o nome,
Tem D, M, E, R, A.

Busina.

Charadas em verso

(2)
Atirei com um calhau, — 2
A' mulher do Alemquer, — 1
Ele deu-me com um pau,
E mostrou-me ser mulher!

(3)
Conheci um figurão
Que passava horas inteiras
Pela praça do Bolhão,
Na conquista das sopeiras.

Outro dia perseguiu,
Criadita bem gentil,
E tudo lhe oferecia,
Por um sorriso gracil.

Ela, porém, ripostou:
"Neste momento, Senhor — 1
"Quizilada muito estou,
"Não me siga por favor!

"Desta terra vou fugir, — 2
"Meu sossêgo isso requer,
"Se o Senhor se quiser... rir
"Há p'ra aí muita mulher!

Rei das Musas.

Enigma figurado

(4)

5 5 5 0 0 0

Sepol.

Novíssimas

(5)

A uma mulher formosa, meti-lhe na
mão o instrumento... de sapateiro.
— 1-2.

Sepol.

(6)

O S. Pedro meteu na prisão o
insecto. — 2-2.

Ohnidog.

(7)

Tenho uma parenta que se mostra
sempre falsa quando desembarca na
estação. — 2-2.

Busina.

(8)

Troça à tua vontade! Eu continuo
entoando esta ária no desvão. — 1, 2.

Lérias.

(9)

A vida parece que corre para um
receptáculo. — 2-2.

Oinotna.

(10)

O pássaro que acabo de matar
tinha um tumor. — 2-2.

Odnanref.

(11)

O animal tem bom olho para o
negócio. — 1-2.

Pardalão.

(12)

O seio é a parte do corpo que mais
se põe à janela. — 2-1.

Pardalão.

(13)

A abelha colhe o pólen da flor e
sobe para a cidade. — 1-2.

Rutra Luar.

(14)

O papá ainda prega a sua partida a
uma pessoa velha e feia. — 2, 2.

Só Darco.

(15)

Quando atravessa a minha porta, o
batráquio é um grande malandrão.
— 2-1.

Zé Cagancho.

(16)

Todos tem o que está em frente da
igreja e pendurado na parede. — 1-2.

Busina.

(17)

Suspenda! Por ora não, mulher!
— 1-2.

Sepol.

Sincopadas

(18)

Qualquer homem treme perante o
fardo da vida. — 3-2.

Busina.

(19)

Para que levas o tempero para o
gabinete. — 3-2.

Busina.

Tipográfico

(20)

E 1000 A

Ohnidog.

Provérbio a adivinhar

(21)

Dois beijinhos me oferecete,
Eu não quis pois pouco achei;
Tu, então, desapar'ceste,
Nem um sequer abichei!

Em questões de coração
Francamente, não estou verde,
Mas esqueci o rifão:

Lérias.

POSTA RESTANTE

Dr. Castro — As vossas produções não podem ser publicadas por não obedecerem às regras *Caclánicas*; isto é: com erros.

Quem é?

O seu nome é *penetrante*,
Isso não pode negar;
E caso bem interessante,
O apelido em questão,
E' *fio d'água* a deslizar.

Quem será? E' escritor
Formidável, colossal,
Que não tem nenhum temor,
Pois já *matou o diabo*.
Quem será êle afinal?

LÉRIAS.

Decifrações do número anterior — *Quem é?*
Octávio Sérgio.

Matadores: Fantasma Negro, Tom-Mix,
Mário Soares, Monteiro II, Francisco José Rodrigues,
Constantino Sousa Gomes, Jaime Vieira
Dias, Dr. Casto,

As soluções desta secção tem de ser entregues na nossa redacção até às dezóito horas da terça-feira seguinte.

Céus de Fogo

E' um romance fora do vulgar. Livro de um novo. Novo na forma, nos conceitos e nas descrições. Velho na ponderação, nos sentimentos, na riqueza do vocabulário.

O seu autor e nosso novo director *Dr. Campos Monteiro, Filho (Dr. Knox)* viveu-o em África e deu-lhe a realidade vivida.

Dramatização Intensa. Sentimentalidade pungente.

Céus de Fogo, um romance passado numa temperatura de *40 graus à sombra*.

A venda em tôdas as livrarias e na nossa administração, ao preço de **10 escudos** — Edição de Civilização L.^{da}.

Perguntas a prémio

Um amigo da MARIA RITA, que se acoberta sob o pseudónimo ajustável de **Paga já**, enviou-nos as três perguntas abaixo e **dez escudos** para o seu decifrador.

Esta importância será, portanto, entregue a quem responda conveniente às seguintes perguntas:

1.^a *Quantas coisas precisas para chegar com um dedo ao céu?*

2.^a *Como se consegue beber uma garrafa de cerveja sem lhe tirar a rolha, nem quebrar a garrafa?*

3.^a *Se o José de Artimanha estiver vivo no próximo dia 30 do corrente, o que estará a fazer às 3 horas da manhã?*

Vamos a isto, que o prazo para as respostas termina na próxima Quinta-feira.

Sempre jovem MARIA RITA:

Eu sei bem que tu, a-pesar dêsse espírito *blagueur* que te caracteriza, nem sempre estás disposta a aturar as maçadas dos teus admiradores.

Contudo, creio numa indulgência leve com que me penitenciarás e, assim, abusando mais uma vez da amizade que nos une, eis-me de novo junto de ti; simplesmente para contar-te uma pequena anedota, velha talvez, mas sempre oportuna.

Deves lembrar-te, por certo, daquela nossa visita à casa do padre Gonçalo, quando do passeio que demos a Viana, em meados do ano passado.

Dias decorridos após a nossa retirada, o padre Gonçalo despediu o criado que tinha ao seu serviço, — aquele que te serviu as mais saborosas alheiras que digeriste até hoje — e, a-fim-de preencher a vaga, deu preferência a um sobrinho que estava na miséria. Este, a-pesar-de bom rapaz, logo no dia seguinte, pela manhã, ao acordar o tio, atçou-lhe o fogo da mais viva cólera, pela maneira incorrecta como foi despertá-lo.

— Eu quero, — disse o Padre Gonçalo, — que me acordes cedo, obedecendo, porém, esta ordem, ao seguinte: às sete horas da manhã, diriges-te aos meus sagrados aposentos e dizes, com o credo na bôca:

« Padre Santo! O Sol inunda a seara com os seus raios luminosos. Os passarinhos, chilreando alegremente, parecem abençoar a Humanidade.

São sete horas. Aqui tem o seu café-zinho!... »

O rapaz, no dia seguinte, cumprindo as ordens do tio, repetiu, exactamente, o que êste lhe ensinara na manhã anterior. E, ao acabar de pronunciar a última palavra, ouviu o tio dizer-lhe: — Eu já o sabia, meu bom rapaz, Deus já mo tinha dito!... »

O mais interessante, MARIA RITA, é que, tôdas as manhãs, invariavelmente, o sobrinho do padre Gonçalo ouvia a mesma resposta, no mesmo timbre, com aquela delicadeza de voz que era o atractivo do padre Gonçalo.

Mas, um dia, após o ter repetido o fraseado de tôdas as manhãs e ouvido o sacramental « *eu já o sabia, Deus já mo tinha dito* », o rapaz abriu a porta do quarto do padre e respondeu-lhe: — Pois, se Deus lho disse, enganou-o. O Sol está encoberto, chove a cântaros, não são sete horas, — são nove —, e hoje não há café, — há leite!... »

Cumprimentos do teu admirador

RUY.

LEGADO FATAL

A tantos de tal, nesta bela terra,
Finou-se um poetastro sem valor
Que ao deixar êste mundo enganador
Me legou uma carta que isto encerra:

« Zé: Não chores por mim! Teu dó desterra
Dêsse teu firme peito! E por favor
Aceita o trabalho consolador
D'erguer por mim a lança em qualquer guerra!

No homónimo meu, que por vaidado
Se enfeitou com o título « de gema »
Dando a « casca » qual pinto sem idade,

Assenta a tua mão! Mas que não trema!
Baixo à cova. Tripeiro. » Que saúde!
E aceitei o formal da hora extrema!

Pois agora comigo te hás de haver,
O' Tripeiro « de gema » e do carôlo!
Não julgues que morreu de desconsôlo
Quem êsse imberbe lábio fêz tremer!

Não me falte o vagar p'ra te *benzer*
E terás de puxar por teu miolo
Fazendo por provar que não és tolo
Embora muito tenhas que gemer!

Teu nome de Tripeiro volte à liça,
Que o outro já não torna a apoquentar-te
E não mais o ciúme teu atica!

E visto que ora tenho de aturar-te,
Mostrarei que não sou da Pocariça
Se a tanto me ajudar *engenho e arte*.

Zé da SÉ.

Para
Pintar
aredes

Use

MURALINE

uma tinta que se

prepara em
seca em
dura 10
minutos
horas
anos

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

O BRANCO NO PRETO

SUPLEMENTO MENSAL DA "MARIA RITA", DEDICADO ÀS COLÓNIAS E ILHAS ADJACENTES

ANO I — N.º 1

DIRECTOR: D. AFONSO V (O Africano)

Tiragem 50:000 exemplares ou mais

EDITORIAL

Sem favor algum dos amigos do «Branco no Preto» a que devamos resposta, talvez porque o correio ainda não tenha tempo de fazer uma ida e volta, aproveitamos o número de hoje — o primeiro do segundo ano, — para felicitar todos os nossos assinantes de além-mar e desejar-lhes tantas prosperidades quantas as que desejamos para a MARIA RITA.

«O Africano» orgulha-se de poder dizer que é tão lido em Africa como na Metropole.

Afonso V.

FALAM OS NOSSOS CORRESPONDENTES

Panguim, India

Aí vai a cópia duma carta que recebemos directamente de Panguim (India), e que claramente demonstra que não é um mito o analfabetismo.

Panguim, 9 de Março de 1933.

Com prazer imenso e alegria indizível que assumo esta honra de representando o sentir unanime de quantos aqui se encontram reunidos.

A Felicidade do homem não consiste em possuir desgraças, mas sim em deixar o espirito sosegado e satisfeito.

Para Conseguir esse socego de espirito e contentamento é necessario pensar bem e obrar com rectidão, porque o homem sempre proseguindo pelos remorsos da Consciencia que perturbam a felicidade intima e está exposto a inimidade dos outros homens e aos castigos que podem dar nesta vida alem das penas eternas que na outra o esperam.

Em Segundo lugar abstendo-se de tudo quanto possa produzir aflições no animo ou enfermidade no corpo.

Em terceiro evitar todos males tanto morais como fisicos.

Venho a pedir a Ex.^{mo} o respectivo jornal. O meu nome Joãozinho Piedade Abel Salva-dor Piegas.

Açores, Ilha de Sta Maria

Do nosso amigo Dr. Pretito recebemos o recorte junto e o jocoso comentário.

De o Diário de Lisboa:

No Canadá...

...trocam-se cavalos por pares de luvas... — Um «record» na baixa de preços dos solípedes.

QUEBEC — A cidade de Quebec continua mantendo o seu tradicional mercado de cavalos que data do tempo da dominação francesa, o qual se realiza, desde então, com toda a regularidade.

Tambem este ano se realizou o tradicional mercado, porem, nele foram observadas cenas jamais ocorridas em nenhum mercado de cavalos do Canadá.

Milhares de curiosos foram ao mercado, porem o numero de verdadeiros compradores foi tão escasso, que não houve outro remedio para os vendedores que não fosse o de se sujeitarem aos mais singulares e extravagantes negocios de troca.

Trocou-se um cavalo por um par de luvas; outro animal foi dado em troca de um relógio de bolso.

Só em raros casos a compra foi paga com dinheiro, tendo-se alcançado nas vendas o mais baixo «record» de preços.

O mais infimo que se registou, foi de um chelim por um cavalo. Os outros preços oscilaram entre 25 e 50 chelins por exemplar. — *United Press*.

Em Quebec (Canadá)
Os cavalos são baratos
Pois se compram, vejam lá,
Por menos do que uns sapatos.

Vendem-se alguns a chelim
E até em dia de feira
Trocaram cavalos, por fim
Por relógios d'algibeira!...

Cá entre nós inda não
Se consegue tal pechincha.
Mesmo velho, catrapão,
O animal que relincha

Custa d'escudos uns centos.
...A não ser os de uma raça
Que embora causem tormentos
Se arranjam... até de graça!...

Dr. PRETITO.

S.ta Maria — Açores.

Cambondo, Africa Oriental

Do nosso correspondente em Cambondo, na Africa Oriental, recebemos o seguinte recorte que vale bem por um par de «Ecos».

Declaração

Declaro que na qualidade de legitimo na certidão de batismo como irmão da extinta *Margaridade Domingos dos Santos*, dos sobrinhos seguintes: — *Francisco Nunes Buriti, Libanio Nunes de Petra Barros Buriti, Roberto Nunes Buriti Júnior (O Matias) e Carlota Nunes de Barros*.

Neste declarar parecemente que precisam da acredita pondonor da divisão da herança na sintaxe por igual na maêntem uterinamente e o competente intervir abreviada.

Visto desde a carta de convite do enterramento do procurador Roberto Nunes Buriti, datada de 1 de Junho de 1929, que foi pelo muceque daquela morta, apresente data os na adição em que reivindicaram viverem de modo incrível, para o pão nosso, e para vistirem, num modo triste, pelo outro irmão *Francisco Nunes Buriti*, prevenir que por toda herança só êle ponto Acroático ponto.

Não ascende e descende do imperativo irmã ou irmão que o demonstrará até a Fazenda Pública pelo título oneroso que responda.

Até outro dia.

ass). — Manuel D. dos Santos.

de 30-9-32.

Se alguém tiver percebido alguma coisa que se acuse.

Por um nosso amigo dos Açores, foi-nos remetida a seguinte cópia dum officio verda deiro.

Cópia de um officio dirigido ao director das obras públicas do distrito do Funchal por um condutor de trabalhos encarregado de destruir as pedras denominadas *Três Irmãs* do Cachopo do Campanário, na Ilha da Madeira:

«*Illm. Exm. Sr.*

Fui ás 3 *irmãs* por V. Ex.^a indicada: furei as duas maiores, a pequena já estava furada pelo mestre João; estão todas cobertas e estou à espera da lua para lhes metter o canudo com polvora, porque então ficam melhores para trabalhar por cima.

Deus G. a V. E.

Joaquim do Riteiro».

No brilhante semanário *Sul de Angola* de 28 de Janeiro último, encontramos o seguinte período num artigo da redacção:

A' volta de uma calúnia

Vamos aproveitar este cantinho para dizermos umas pladas acerca do «Ecos de Cacia», ca do burgo.....

Não nos interessa saber que o tal jornal é o *Mossamedes*. O que nos interessa é registar que a nossa campanha sobre o grande Damião, já deu a volta ao mundo.

Mote para o mês que corre

Pode alguém dizer que sim
Que eu digo não com desgosto.

P. R.

Miguelinho — Que é feito de vós? Temos recebido reclamações constantes.

Leão Pardo — Emmudeceu? Isso não é bonito.



Laminas RITZ

De todas a melhor, especial para barbas duras, todas as boas casas a vendem a 1 escudo, dep. 102, 3.º Ar. dos Allados, Telef. 1650

CONCURSO DA MOLHADURA

Formidável certame que a MARIA RITA iniciará já neste número com o gentil concurso da

ADEGA IDEAL DO LAVRADOR

que oferece ela só os seguintes prémios: **Uma pipa do autêntico vinho da Bairrada; um formidável presunto de Lamego; uma pesadíssima arroba de bacalhau; uma arroba de açúcar bem medida.**

Além disso a MARIA RITA distribuirá mais **cinquenta prémios de valor.**

Plano geral dêste concurso

Os prémios dêste concurso são num valor aproximado de 1:500 Escudos, **distribuídos com tôda a certeza**, podendo elevar-se quási indefinidamente desde que os concorrentes o queiram.

Para se concorrer basta fazer-se o seguinte:

O concorrente recortará a senha ao lado e dirige-se a qualquer das **16 adegas** que a Adega Ideal tem abertas no Pôrto, na Foz, em Matozinhos e em Gaia, conforme descrição abaixo. Essa senha ser-lhe trocada por uma outra numerada que dará direito ao sorteio a efectuar pela lotaria de Santo António, em Junho próximo. Por cada senha desta terá ainda direito o concorrente ao abatimento de 50 centavos em cada compra de 5 escudos,

o que equivale a dizer-se que: O concorrente lê a MARIA RITA por metade do preço e fica habilitado a todos os prémios. Além de tôdas estas vantagens, a MARIA RITA, porá à disposição de todos os portadores de senhas, tantos prémios quantos as centenas da lotaria de Santo António. Cada um dêstes prémios tem o valor de 10 escudos.

Vamos, pois, ao Concurso da Molhadura que já neste número se inicia.

Concurso da Molhadura

Senha a apresentar em qualquer dos estabelecimentos da ADEGA IDEAL DO LAVRADOR.

Contra a entrega desta senha, o portador receberá uma outra que lhe dará direito ao sorteio.

A Adega Ideal do Lavrador

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, **16 ADEGAS:** R. do Bomjardim, 36F-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontainhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5302; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Corredoaria); L. Maternidade Júlio Denis, 1 e 2 (Vulgo Campo Pequeno); Trav. da Banharia, 24-26 (Esq. da R. dos Mercadores), Telef. 905; R. Anselmo Braancamp, 633; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143A; NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — Foz. EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — Matozinhos. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.